

Oração Fúnebre Por Osmundo Pontes

Geraldo Fontenelle

Minhas senhoras e meus senhores:

A Academia Cearense de Letras e a Academia Cearense de Retórica sofrem, neste momento, a perda irreparável de um dos seus mais altos expoentes: escritor e juiz Osmundo Pontes. O lutuoso acontecimento converge para algumas reflexões e nos projeta para o campo teológico, à luz dos textos sagrados, dogmas e tradições do cristianismo.

No sermão das Sete Palavras – aquelas últimas frases proferidas por Cristo enquanto estava pendente da cruz – encontramos a dolorosa interrogação: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc, 15,34). A esse grito de dor, razão da humana condição de Jesus, Deus responde, três dias depois, com a Ressurreição. Deus não fez silêncio à queixa do seu Divino Filho. O “Deus humano de todos os homens ímpios e abandonados por Deus” ressurgiu assim gloriosamente. Sentimos nesse gesto de compreensão suprema um forte e inquestionável motivo de esperança.

Na Primeira Epístola de Paulo aos Tessalonicenses, cap. 4, vers. 12-15, lemos: “E não queremos, irmãos, que vós ignoreis coisa alguma acerca dos que dormem, para que não vos entristeçais como também os outros que não têm esperança... Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus trará com Jesus aqueles que morreram por Ele... Porque o mesmo senhor com mandato e voz de arcanjo e com a trombeta de Deus, descera do céu; e os que morreram em Cristo ressurgirão primeiro”... O que se diz aqui sobre os cristãos estende-se a toda a humanidade, conforme a Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, cap. 15, vers. 12: “Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como podem alguns dentre vós dizer que não haverá ressurreição dos mortos?”

Deus, na sua extrema lealdade, conserva-se fiel para com o homem no além da morte. O que ocorreu com Jesus, acontecerá também conosco. Esta é a convicção em que se fundamenta o apóstolo Paulo. A libertação do ser humano reside nessa perspectiva da Palavra de Deus. É preciso crer cada vez mais que “Deus não é o Deus dos mortos, mas sim o Deus dos vivos”. Este é o ponto de partida para compreender e superar a morte. E o Deus anunciando e proclamado por Jesus é um Deus de amor e misericórdia. É Paulo ainda que nos motiva através de sua Carta aos Romanos: “Não recebestes o espírito dos escravos para recair no temor, mas recebestes o espírito dos filhos adotivos pelo qual chamamos: Abba, Pai. O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus”.

Hoje, perdemos um grande companheiro: dr. Osmundo Pontes. A medicina esgotou seus recursos. Debalde foram os esforços. Chegou aquele momento em que só a voz de Deus é que comanda. Aos homens, completamente aturdidos, nada mais resta a fazer. Somos herdeiros de Cristo e como tal não podemos nos insurgir contra os mistérios da morte, mas sim devemos ficar consolados, consumidos pela chama da esperança, a esperança de um dia também ressuscitarmos. É a crença na vida pós-mortal.

O Acadêmico Osmundo Pontes, homem temente a Deus, deixou este mundo em busca do convívio celestial. Enquanto ficamos aqui com as nossas lágrimas ele está vendo Deus face a face. Osmundo foi um homem que escolheu uma forma superior da vida: o elevado remígio das perscrutações literárias e jurídicas. Desde moço, encaminhou-se pelas letras e erigiu uma legenda de glórias. Escritor, orador, pensador, juiz, impôs-se no consenso de seus conestaduanos como uma personalidade de escol. Integrante da Academia Cearense de Letras e da Academia Cearense de Retórica, excelia como cronista abordando uma temática variada, principalmente os roteiros de viagem, pois Osmundo, em companhia de sua esposa, dona Cibele, atravessou dezenas de vezes o Atlântico em viagens de estudo, de observação e repouso. Osmundo Pontes foi também jorna-

lista do batente, expressão elevada de nossa imprensa, afirmando-se ora pelo registro dos problemas psicológicos e comportamentais de nosso povo, ora pela contundência e pelo protesto, ora pelo encanto das coisas poéticas. E o fazia com leveza, porém havia momento em que se agigantava pela observação crítica e irrespondível.

Ascendit mors per fenestram

Sófocles em "Electra" afirma que "Um dia vem o fim comum a todos os mortais". Virgílio, na "Eneida", diz que "Cada qual tem seu dia marcado". Horácio nas "Odes", assevera: "A pá-lida morte bate com força igual nos casebres e nos palácios dos reis". Marco Aurélio considera que "a morte é o descanso das repercussões sensórias, do titerear dos impulsos, das divagações do intelecto e dos serviços à carne". Indaga São Paulo: "Onde está, ó morte, a tua vitória?" Em La Fontaine, Fábulas, VIII, aprendemos que a "morte não surpreende o sábio: ele está sempre pronto para partir". E Alvarenga Peixoto verseja: "A quem morrer sabe, a morte nem é morte nem é mal".

Moriur et ridet.

O Acadêmico Osmundo Pontes presidiu por longos anos a Academia Cearense de Retórica e compunha a diretoria da Academia Cearense de Letras. Era um homem culto, porém muito simples, às vezes exageradamente simples. A fé em Deus estava com ele nos gestos, nas ações, nas palavras e nos pensamentos. Era um homem ardente nas amizades.

Bona res quies.

Pelos pensamentos semíticos, homem e corpo eram indivisíveis, mas pelos pensamentos helênicos, admitiu-se o dualismo: homem = alma e corpo. Já naquele estágio do pensamento filosófico, admitia-se que, ao falecer, o corpo desprendia "algo" do homem que sobreviveria para que a justiça se efetivasse.

Alma significa: "o espiritual, o existir antes do corpo, a origem divina, a vida eterna". Já o corpo, a origem divina, a vida eterna". Já o corpo como sabeis, é material e transitório. Era assim

na escola de Platão. Esse dualismo, Platão fundamenta filosoficamente nos diálogos de “Fedon” e “Fedro”.

Mors omnia solvit.

Osmundo Pontes foi em vida um nome sideral da cultura cearense e pelo muito que escreveu e publicou permanecerá tempos afora na memória dos coevos e dos pósteros.

Diante da morte, o único caminho é confiar em Deus, entregarmo-nos a Deus. “Corpo e alma são aspectos de um só homem indivisível”. Tomaz de Aquino defendeu a unidade do homem setenciado que o homem não é formado por duas substâncias, dentro do raciocínio de que “a alma só pode existir através do corpo, só pode se expressar através do corpo”. Após morrer o corpo, a alma segue numa “bem-aventurada contemplação divina”.

O Acadêmico Osmundo Pontes era filho de José Manassés Pontes e de Maria Sabino Pontes. Nasceu no Amazonas, no dia 4 de novembro de 1920. Desde criança residiu no Ceará. Estudou no Grupo Escola José de Alencar, Colégio Castelo Branco, Liceu do Ceará e Faculdade de Direito do Ceará onde se bacharelou em 1945. Fundou e dirigiu a revista “Contemporânea”. Colaborou em diversos jornais de Fortaleza. Em 1945, dirigiu o Departamento de Imprensa e Propaganda. Juiz do Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região, o qual presidiu por três vezes. Era sócio correspondente da Academia Amazonense de Letras, da Academia Maranhense de Letras, da Academia de Estudos e Letras de Sobral e Sócio Honorário do Instituto do Ceará. Recebeu vários títulos e condecorações: oficial da Ordem do Mérito Judiciário, pelo Superior Tribunal do Trabalho; Amigo da Marinha, Medalha da Ordem de Benemerância no grau de Comendador, conferida pelo governo de Portugal; Medalha Graça Aranha da Academia Maranhense de Letras, Medalha do Mérito Bancário, Medalha do Mérito Turístico conferida pela Prefeitura de Fortaleza e outros.

É com muita tristeza que proferimos estas palavras ao lado do esquife do companheiro Osmundo Pontes, uma amizade preservada ao longo de muitos anos. Um homem admirável, seja pela sua cultura, seja pela sua afabilidade. Para Osmundo, a morte veio rápida, diminuindo-lhe os padeceres, mas o suficiente para nos afligir, nos entristecer, nos comover até às lágrimas. Deus haverá desde iluminar seu espírito na caminhada pela Vida Eterna.

Requiescat in pace.